

TRANSCULTURALIDADE, LINGUAGEM E EDUCAÇÃO

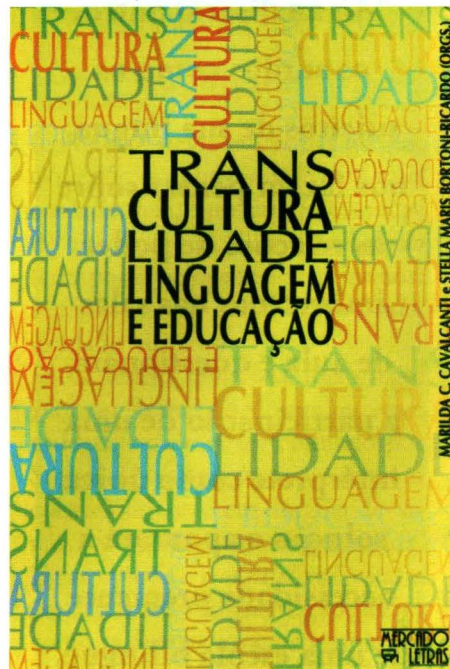
Transculturalism, Language and Education

Simone Ferreira Conforto/INES

Material recebido em 30 de junho e selecionado em 13 de julho de 2011

Atualmente, a modernidade nos remete um pulsar de conflitos teóricos, onde a vida acadêmica segura e confortável é trocada pela inconstância de valores. A pós-modernidade nos faz sair dessa imobilidade, enfrentar a turbulência de comportamentos sociolinguísticos fluídicos e tenta acomodar o inesperado. No Brasil, é imprescindível olhar as contradições ditadas pelas novas tecnologias muito avançadas que se mesclam com a crise, o desemprego, a desigualdade. Quando se referem a pessoas com carências socioeconômicas e culturais as nossas metas de Educação Básica se apresentam num sistema excludente para todos. Assim, o que se viu nos textos lidos é que os estudos de linguagem visam a uma análise dos usos da língua, à luz de uma perspectiva social, evidenciando uma estreita relação entre cultura e os hábitos linguísticos. Descobrimos que uma das premissas básicas do processo simbólico tem valor através de suas forças sociais. Os meios acadêmicos de vez em quando nos dão uma espécie de cansaço, um sentimento de repetição e cotidianização nos assuntos e pesquisas. Para escrever e manter a chama acadêmica é preciso, como um bom casamento, encontrar-se com o novo e se apaixonar cotidianamente.

O primeiro texto nos encantou pela sua simplicidade e a fantástica



descoberta que somos todos múltiplos e imperfeitos. Nesse primeiro capítulo, qual um ensinamento, Maria Inês Cagliari e Ana Antônia falam-nos deliciosamente, da história de Cuiabá: seus índios, e dialetos onde diversas culturas se entrelaçam na rede de territórios, e resulta um longo processo de globalização. É o encontro do outro na língua do outro. Num capítulo que nos lembram da noite de luar e num ritmo insano conhecemos o histórico indígenas/bandeirantes, a autora nos conta de migrantes e num conto linguístico divertido, nos torna humanos, demasiadamen-

te humanos, pois o fenômeno de sincretismo nos fala das nossas paixões humanas além de hibridismo, sincretismo, mestiçagem e culturas locais. Verifica-se um verbo mestiço inglês fruto de múltiplos entrecruzamentos, onde, nesse verbo coexiste passado/presente, estrangeiro/nativo/globais, caipiras e locais. Para estudar interações culturais e linguísticas, e ainda, o cenário das imigrações, não podemos subestimar o centro das culturas nos deslocamentos de nosso ponto de vista habitual. Capítulo dois – “Do singular para o Multifacetado”, o texto de Maria Inês Pagliarini Cox e Ana Antônia de Assis-Peterson nos fala do conceito de língua como caleidoscópio, aborda a noção de língua linguagem a partir de um conceito e, fazendo uma releitura crítica de algumas categorias assim como: dialetos, variedade e bilinguismo e esses conceitos são particularmente únicos para discutir minorias linguísticas e identitárias.

Capítulo três – “Do Casulo ao Movimento”, Terezinha Machado Maher fala sobre a suspensão das certezas na educação bilíngue. Terezinha Machado mostra que há uma desigualdade no poder e no cenário da educação de minorias. A modernidade nos fornece conceitos teóricos e necessidade de suspender as certezas na educação bilíngue e intercultural.

RESENHA DE LIVROS

Na parte dois do livro, Pedro Garcez e Neiva Jung abordam as construções da identidade alteridade, analisando a construção da identidade étnica numa escola rural multilíngue, no oeste do Paraná, e buscam explicar o fato de que a identidade se produz também por meio das práticas individuais, no social.

O segundo capítulo, da parte dois, Marcia Elizabeth Bortone examina os aspectos convergentes e divergentes nos contextos situacionais numa comunidade de falantes de iletrados por meio de entrevistas e pela alternância dos métodos de pesquisa, trazendo em ambos as mudanças de visão de mundo, e buscando valorizar as crenças e valores do grupo.

No terceiro capítulo, Katia Mota, num texto muito interessante, analisa a convivência social de uma comunidade de mulheres migrantes e sua colocação no mundo de trabalho nos EUA comparando suas capacidades linguísticas e suas habilidades no trabalho.

Na terceira parte do livro, no primeiro capítulo, Jackeline Rodrigues verifica a questão da escrita numa comunidade indígena de tradição oral no Xingu, e analisa os aspectos de linguagem dos professores indígenas no Xingu, a partir dos seus diários de classe e mostra como se dá a apropriação da escrita por parte deles.

O segundo capítulo de Maria Ceres Pereira e Rinaldo Vitor aborda as construções de identidade, num lugar de tríplex fronteira, no extremo oeste do Paraná, Paraguai e Uruguai e focaliza os conflitos dessa mobilidade de línguas e fronteiras e como elas desembocam num conflito de identidade múltipla e conflituosa.

Alice Freire e Wilma Favorito, num texto bastante atual, nos convidam a investigar os alunos surdos em classes de inclusão e analisam o pertencimento dos surdos nessas classes e a necessidade de revisar os conceitos de bilinguismo, alteri-

"Ao analisar o outro, os surdos como os sujeitos de sua língua, nos fazem pensar sobre as relações de poder imbricadas nas salas de aula e questionam a participação de uma intérprete como única solução e apontam a necessidade premente de uma escola bilíngue, sendo capaz de respeitar o surdo como o outro, respeitando sua identidade, cultura e alteridade".

dade e identidade dos surdos. Ao analisar o outro, os surdos como os sujeitos de sua língua, nos fazem pensar sobre as relações de poder imbricadas nas salas de aula e questionam a participação de uma intérprete como única solução e

apontam a necessidade premente de uma escola bilíngue, sendo capaz de respeitar o surdo como o outro, respeitando sua identidade, cultura e alteridade.

No quarto capítulo da terceira parte, Vera Freitas traz uma pesquisa onde foram relatados os recursos linguísticos utilizados por estudantes universitários e as estratégias utilizadas por estes, assim, como a transição das estratégias comunicativas e argumentativas, no contexto linguístico.

No último capítulo dessa terceira parte "Da Cultura de Oralidade para Cultura Letrada: a difícil transição", Stella Maris Bortoni-Ricardo nos mostra o resultado de uma pesquisa em que foram estudados os recursos linguísticos utilizados por estudantes recém-chegados à universidade no movimento de transição da cultura oral para letrada.

Todas essas discussões nos tornam bastante estimulados e desejosos de ler, aprender, trocar, e ensinar no que se refere a línguas, identidade e linguagem.

E, justamente, o que os autores chamam de transculturalidade, figura numa constelação de especificidades e fronteiras culturais e de línguas de periferia, e seus 'insights'.

Adoção de cultura e a noção de língua nos fazem pensar sobre diferença, alteridade e ultrapassam as noções de complexidade históricas. As autoras nos falam de um fluxo vernáculo antropofágico e nos fazem refletir sobre a multiplicidade das práticas de linguagem envolvendo diferentes línguas e dialetos. Assim, transcultural é trabalhar com territórios e fronteiras nos dando a noção de que fazemos parte de uma grande miscigenação cultural.